

adventista

# O MINISTÉRIO

JANEIRO  
FEVEREIRO  
1975

# OVELHAS PERDIDAS

Cristo falou de noventa e nove ovelhas no redil, e uma perdida. A proporção de ovelhas perdidas é hoje muito mais elevada. Talvez haja mais acidentes no campo ou menos respeito para com o Pastor; o fato é que se perdem mais ovelhas. As estatísticas nos assustam, e preferimos não considerá-las muito seriamente ou não agasalhar o sentimento que nos envolve quando as consideramos. Ao fazer a previsão de crescimento para a década, trabalhamos na base de uns 48% de perda, isto é 48 pessoas perdidas para cada 100 batizadas. Isto inclui desaparecidos, mortos, apostatados e os que se perdem em virtude de extravio de cartas de recomendação.

Reverendo estatísticas antigas ficamos assombrados ao ver a Divisão Norte-Americana em 1973 com uma eliminação de 56 para cada 100 acrescentados. Foi um ano excepcional em termos de limpeza de registros, mas isto significou 6.285 eliminados e 11.314 acrescentados. Nos doze anos compreendidos entre 1932 e 1943 foram eliminados dos registros da Divisão Norte-Americana 68.100 membros num total de 159.711 acrescentados. Em 1972 foram eliminados em todo o mundo 60.017 irmãos dos registros, o que equivale a 300 igrejas de 200 membros cada uma. A parábola de Cristo foi multiplicada de modo alarmante.

A apostasia sempre existiu. Rastreamento os seus começos chegamos até o jardim do Éden, e aqui verificamos que ela é ainda mais antiga. Lúcifer foi o primeiro apóstata. Caim foi um apóstata que pisoteou com sanha os princípios mais elementares da fé e trouxe opróbrio à causa e desonra à família. Houve apóstatas quando a coluna de nuvem conduzia a Israel, como os houve quando o Sinai ardia com a presença de Jeová. E em ambos os casos foi uma apostasia inadmissível se pensarmos na certeza que podiam ter da origem divina de sua peregrinação. Houve apostasia quando Cristo fazia os Seus milagres: o próprio Judas havia-os presenciado. E houve também apostasia no momento em que o Espírito Santo havia transformado o grupo de amedrontados discípulos numa companhia poderosa. Geazi foi apóstata quando era servo do grande Eliseu. A lista continua interminável com nomes famosos como Balaão, Acã, Coré e seus

companheiros de rebelião, Saul, Ananias e sua esposa, Demas, discípulo de Paulo, e outros.

Mas, ainda que comum, a apostasia é sempre dolorosa. É como a morte, sinônimo de pranto, despedida, luto, e produz tristeza no Céu e na Terra. Contudo, alguma coisa devemos fazer. Sugerimos alguns passos juntos na busca da compreensão e solução do problema.

1) Que é evangelização? Não é somente batismo para relatar aumento de número. Segundo Atos, o trabalho completo do obreiro se resume em testificar da verdade e exortar ao arrependimento; batizar os que aceitarem a verdade apresentada e finalmente confirmar os crentes na fé recebida (Atos 2:40-42). Vale dizer que o círculo não está completo se se não houver feito todo o possível para que os que receberam a verdade sejam firmados nela. Assim que, uma ovelha resgatada, conquanto já tenha estado dentro do redil antes, produz tanto gozo no Céu como a errante que vem ao redil pela primeira vez. Disto devemos estar convencidos. "Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados". S. Tia. 5:19, 20. Recuperar equivale a salvar almas.

2) Pouco ou nada ganhamos com lamentar-nos; o que importa é encarar o problema, havendo-o entendido a fundo. Em The Ministry apareceram entre 1930 e 1960 pelo menos 67 artigos sobre este tema. Nenhum deles, porém, fala em mais do que dos sintomas. Não encontramos estudos aprofundados do problema que ofereça um diagnóstico claro e acertado, e então o remédio.

3) Necessitamos esse estudo. Podemos imaginar causas e razões, mas talvez estejamos errados. Muito se tem falado da falta de preparo pré-batistal, de modo especial em relação com grandes séries de conferências. Talvez haja alguma razão para isto, mas até que ponto? Influirá a Escola Sabatina com seu sistema de classes ou de relatórios? Será a carga financeira da igreja sobre os membros? Será a falta de entusiasmo e fervor de alguma igreja? Será...? será...? será...? Que será? Isto devemos

procurar saber a fim de decorajosamente buscar as soluções e fechar rombos.

Desejamos que o primeiro semestre de 1975 seja o tempo para a realização desse trabalho. O material está preparado; somente desejamos a colaboração do ministério da América do Sul.

Faz alguns anos realizamos em Lima, Peru, um estudo semelhante com os alunos do colégio União. Logicamente abarcou somente um setor do vastíssimo campo sul-americano. Ao analisar os resultados obtidos depois de visitar quatro dezenas de membros da igreja, sentimo-nos surpreendidos com o resultado do experimento. Temos aqui sobre a mesa em nosso escritório um resumo contendo os resultados de 17 entrevistas, as quais revelam o seguinte, digno de comentário:

Média de permanência na igreja: 5 anos.

Instrução prévia ao batismo: 12 sim, 2 não, 2 pouco.

Causas que motivaram o afastamento: 6 sábado, 3 casamento, 4 problemas humanos com igreja e membros, 1 enfermidade.

Pertence a outra igreja: 2 sim, 15 não.

Desejo voltar à igreja: 13 sim, 2 não.

Mantém princípios sobre:

Observância do sábado: 13 não, 1 sim, 2 às vezes.

Alimentação: 9 sim, 4 não.

Bebidas: 10 sim, 1 não.

Recreações, diversões: 13 sim, 2 não.

Ao examinar detidamente estes dados, que podem não refletir a realidade de algumas áreas sul-americanas, saltam aos olhos certos fatos. O primeiro, difícil de aceitar, tomado assim à primeira vista, devido ao nosso enfoque tradicional, é que a verdadeira causa da apostasia não pareceria ser somente a falta de preparo prévio. Todo Pastor e evangelista sabe que não correm sempre paralelas a pregação prévia e a permanência na igreja, como tampouco são sinônimos falta de preparo e apostasia. É elemento importantíssimo que não devia ser descuidado em nenhum caso, mas há outros que correm paralelos e que são tão importantes, ou até mais do que este. Um deles é a atenção pós-batistal, de modo especial quando o irmão deva desafiar, tormentar e arrostar lutas. Há pessoas que conhecem perfeitamente a doutrina, que até a têm ensinado e pregado, mas que ao enfrentar sem ajuda humana uma situação difícil, fraqueja. Basta saber que de 17 pessoas entrevistadas, somente 2 aceitaram outras doutrinas, uma das quais havia sido Esoterista, voltando a sua antiga fé depois de breve estada conosco. Outro dado de real interesse é que enquanto 13 continuam mantendo os princípios sobre recreações, somente 1 continua sendo fiel à observância do sábado. As lutas no trabalho, no que se refere à fidelidade, necessitam o apoio a tempo e perseverantemente do Pastor encarregado do rebanho.

4) O mais importante: nem os computadores, nem as cartas, nem sequer os anciãos da igreja substituem um Pastor divinamente chamado para curar as feridas de uma ovelha machucada.

"Porque ainda que tenhas dez mil aios em Cristo, não teries muitos pais, pois Cristo Jesus vos gerou por meio do evangelho", dizia Paulo aos coríntios (I Cor. 4:15). O Pastor é o Pastor. Ele é o grande médico que a ovelha espera. Uma visita, uma oração, o entusiasmo e a dedicação demonstrados na solução de um problema, ou a simples presença do Pastor consagrado, pode ressuscitar mortos, como aquele israelita cujo corpo lançado sobre a sepultura de Eliseu recobrou a vida só pelo contato com a tumba do profeta. II Reis 13:20, 21.

"Há muito que eu desejava voltar à igreja, mas sentia-me apreensivo e até envergonhado. Com esta oportunidade que vocês me dão, poderei cristalizar o desejo de voltar", foi como se expressou um irmão que, afastado da congregação, sofria pela separação e foi ressuscitado.

Pastor, muitos mortos espirituais o esperam. Irá após eles? ▼

— Rubén Pereyra

# O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sta. André, São Paulo.

Ano 41 Jan.-Fev., 1975 N.º 1

DIRETOR —  
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —  
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —  
CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —  
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —  
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual . . . . . US\$ 3,00  
Número Avulso . . . . . US\$ 0,50

## NESTE NÚMERO

De Coração a Coração:	
“Ovelhas Perdidas” . . . . .	2
Evangelismo	
“Guardador do Irmão” . . . . .	4
Pastoral:	
Plano de Estudo de Apostasias . . . . .	7
Companheirismo Ministerial . . . . .	8
Artigos Gerais:	
Interpretação Cristocêntrica da Sexta e Sétima Pragas do Armagedom . . . . .	10
Alguns Princípios de Ciência Textual . . . . .	12
Política e Igreja . . . . .	14
O Lar do Pastor:	
A Esposa do Pastor . . . . .	15
Os Adventistas Respondem . . . . .	17
Notas Breves . . . . .	22
Volta, Irmão . . . . .	23

# “Guardador do Irmão”

Uma coisa é ser usado por Deus para ganhar almas, e outra ajudar o que foi ganho a manter-se em boas relações com Deus e também a crescer espiritualmente. Muita instrução tem sido provida nesta importante fase do trabalho. Do livro *Evangelismo*, pp. 351-353, temos algumas afirmações que transcrevemos:

“A igreja tem a especial responsabilidade de assistir as almas que seguem os primeiros raios de luz que receberam. (...) A pregação é uma parte pequena do trabalho a ser feito pela salvação de almas. (...) Deus requer de Sua igreja que alimente os que são jovens na fé e na experiência”. Novos conversos “necessitam de cuidados”, eles precisam de “nutrimento — vigilante atenção, ajuda e encorajamento (...), com eles tratando-se bondosamente, devendo ser visitados e com eles orar”. Este trabalho é-nos dito ser “de grande auxílio tanto aos que o fazem como àqueles pelos quais é feito”. Há, portanto, ainda uma grande obra a ser feita em favor de novos conversos, depois de haverem sido instruídos e batizados.

O nascimento espiritual pode ser comparado com o nascimento físico, como Jesus o fez (S. João 3). Quando uma criança nasce em nosso lar, jamais pensaríamos em dizer: “Bem, filho, nós estamos todos muito contentes, você é bem-vindo; mamãe e eu estamos bastante ocupados, embora o amemos muito. Esperamos que você se arranje, vá pessoalmente ao refrigerador, apanhe o seu leite, e você mesmo se sirva”. Não. O trabalho dos pais começa justamente quando o nenê entra na família. Com quanto carinho é ele cuidado! Banho, alimento, a roupinha, tudo enfim! A medida que ele cresce, o alimento é mudado para mais sólido. A instrução é que “deve haver mais pais e mães que tragam esses recém-nascidos na verdade junto ao seu coração, e os encoragem, e com eles orem, a fim de que sua fé não seja confundida”. — *Id.*, p. 352. O plano do “guardador do irmão” tem a aprovação celestial.

## O Plano

Não há dúvida de que muitos têm usado alguma espécie de plano para que os novos conversos sejam atendidos e mantidos na verdade à medida que vão recebendo mais instrução e solidez. Nada, porém, tem sido feito para criar-se um plano e pô-lo à disposição do ministério em geral. Este plano que aqui expomos é respeitosamente submetido a sua consideração. Temos imaginado um sistema de auxílio que consiste em incorporar na atividade membros leigos estáveis, para que sejam mães e pais espirituais. Reconhecendo o fato de que muitos que entram para a igreja, deixam mais tarde o corpo de crentes, não tanto por descrença na verdade, mas por falta de companheirismo, este plano pode ser considerado essencial. Os que vêm para unir-se com a família do remanescente de Deus, muitas vezes deixam para trás amigos e parentes. Separam-se do cuidado pastoral a que estavam antes acostumados, em muitos casos; ficam sozinhos. É aqui que os membros da igreja podem ser de grande auxílio e fazer um bom trabalho.

Durante a última semana da classe batismal o pastor, com o seu *team* (time), escolhe um membro firme, estável, como "guardador do irmão", e escreve o seu nome em frente ao do novo converso do qual será ele um possível guardião. A escolha dos nomes far-se-á tendo em vista várias coisas: (a) localização geográfica em relação ao novo membro, (b) compatibilidade de idades, (c) interesse no novo membro, (d) habilidade para tratar com os problemas normais do novo membro, isto é, uma mulher, por exemplo, com lar dividido, pode estar em melhores condições de encorajar um novo membro com o mesmo problema. Dois homens que trabalhem na mesma atividade, ou na mesma espécie de trabalho, podem ser encorajadores mútuos, de modo que um pode ser escolhido como "guardador". Em cada caso deve um homem ser designado para um homem, uma mulher para uma mulher, um jovem para um jovem. O escolhido deve ser um guarda espiritual, pedindo-se-lhe que aceite a incumbência de ser o "guardador" espiritual do irmão, e convidando-se o escolhido para que esteja presente ao serviço de dedicação na sexta-feira à noite.

A classe batismal já terá sido completada na quarta-feira anterior, à noite, deixando-se então a sexta-feira à noite para que se faça uma reunião com os guardadores espirituais, informando-se-lhes o que deles se espera. Preparai uma fórmula de compromisso, tanto para o guardador como para o novo membro. Este compromisso será tudo para

eles nessa noite. Em poucas palavras mostrai-lhes a responsabilidade e confiança que a igreja deposita neles. Há nesse compromisso dez pontos. (Estes aparecem no fim deste artigo.) Quando todas as perguntas ou itens tiverem sido respondidos, faz-se uma oração de dedicação e encerra-se a cerimônia. Sábado de manhã, depois de breve sermão, os candidatos ao batismo são chamados à frente. Permanecem de pé, voltados para a congregação. O guardador espiritual é convidado a vir à frente. Ele permanece de pé, de frente para o candidato. E assim continua até que cada candidato tenha diante de si o seu guardador espiritual. Quando uma família inteira está sendo batizada, outra família inteira pode agir como guarda espiritual. Então o compromisso é lido por um dos ministros para os novos membros. Este compromisso incorpora oito sugestões que os ajudarão a crescer espiritualmente. (Também estas são dadas no final deste artigo). O livreto (folha dobrada) contendo o compromisso, atado com uma fita vermelha, é entregue a cada candidato. A seguir é lido o compromisso do guardador espiritual. Este material ficou em poder do guardador na noite anterior, e como há alguns itens que devem ficar fora do conhecimento dos demais, somente parte dele deve ser lida. A cada um deles é entregue um livreto (folha dobrada) com o nome do portador no lado de fora, e dentro o nome do novo membro. Subentende-se que esta tarefa perdura por todo um ano. Os candidatos são então votados pela igreja, o guardador espiritual e o candidato abraçam-se, e o serviço batismal prossegue como usual.

Esta cerimônia traz muitos benefícios. Primeiro, tem o aval do Céu. Deus ordenou que os membros da igreja cuidem dos membros novos. Isto é alguma coisa que o membro da igreja pode fazer. Ele experimentará um sentimento de satisfação, sabendo que está sendo parte de um conjunto de recursos para salvação de almas. Este plano ajudará tanto os que o executam como aqueles para quem é feito. Segundo, permite ao Pastor sair para o seu trabalho sem o frustrado sentimento de que alguns de seus novos conversos podem estar enfraquecidos sem o seu conhecimento. Os seus membros passaram a ser seus auxiliares, com os seus esforços mutuamente unidos, e com os dos oficiais da igreja.

Este serviço, como o do casamento, adquire mais significado quando conduzido em público do que quando a responsabilidade é atribuída privadamente. Fará mais para que o membro sinta sua responsabilidade, e o ajudará a levá-la melhor. Outra vantagem desta cerimônia é que se um novo membro se desvia, como pode acon-

tecer, o guardador poderá sentir-se mais responsável pessoalmente, achando que talvez tenha deixado de fazer tudo que podia, em vez de todos culparem o ministro. Muitas outras vantagens podem ser citadas.

Talvez Paulo tivesse com isto em mente quando escreveu aos hebreus: "Obedecei aos vossos pastores [a versão de margem diz 'os que têm o encargo de guiar-vos]". Heb. 13:17.

### Compromisso do Guardador Espiritual

Nome: .....

Fostes escolhidos para realizar um trabalho da maior importância. Vossos irmãos depositaram grande confiança em vós, pois vos entregaram a sagrada responsabilidade de amar, instruir e encorajar o que é colocado sob vosso cuidado ao longo do caminho cristão. A vós, que tendes estado a experimentar o gozo do crescimento na vida cristã foi dado o privilégio de partilhar esta experiência com os que estão apenas começando sua caminhada na direção de maior luz. A experiência do crescimento é juncada de inúmeros perigos, dos quais o desânimo e a frustração não são os menores. O Céu está ansioso por usar-vos, a fim de tornar mais suave a jornada.

Como ministro do evangelho e companheiro na conquista de almas, eu vos encargo de, nos próximos doze meses —

1. Ser em bondade e amor um amigo para aquele que vos é entregue.
2. Orar por ele em vossa devoção particular.
3. Tomar tempo para tratar com ele, convidando-o para o vosso lar, sempre que possível.
4. Cuidar dele nos serviços da igreja, sentando-vos com ele, e fazendo que ele se sinta bem.
5. Se ausente de alguma reunião, procurardes saber a causa, visitando-o ou telefonando-lhe, ou por outro meio qualquer.
6. Mostrardes-lhe sempre genuíno interesse, tendo o cuidado de nunca vos intrometerdes em seus negócios pessoais.
7. Ser-lhe sempre um exemplo em tudo, animando-o a olhar para Jesus como o exemplo máximo na carreira cristã.
8. Apresentá-lo a outros membros da igreja, ajudando-o a integrar-se na vida de nossa igreja.
9. Ajudá-lo sempre que possível em seus problemas, tendo o cuidado de aconselhar-vos com vosso Pastor em questões de maior monta.

10. Se precisardes mudar dentro dos próximos doze meses, informar o vosso Pastor, para que ele possa arranjar alguém que vos substitua.

### Compromisso do Novo Membro

Fostes recebido na igreja adventista do sétimo dia por meio do batismo, e vos tornastes membros de uma "família" que envolve a Terra. Assim vos haveis identificado com um povo que aguarda a iminente volta de Jesus e se prepara para encontrá-Lo. Tomastes sobre vós o nome de um povo que está procurando manter elevada a norma de sua profissão espiritual — povo que é peregrino na Terra, aguardando uma pátria melhor. Como um "recém-nascido" na igreja, ireis crescendo dia a dia, conhecendo cada vez mais da vontade de Deus a vosso respeito e em vossa vida. Todo o Céu se rejubila de que participais agora dos que "guardam os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus Cristo" (Apoc. 12:17).

Como ministro do evangelho, e representante desta organização, eu vos lembro o dever de: —

1. Estimar sempre vossa qualidade de membro da igreja, reconhecendo-vos como participantes da família de Deus.
2. Dispor cada dia de tempo para oração, com estudo da Bíblia e devoção pessoal.
3. Estabelecer em vosso lar o altar da família, realizando o vosso culto matutino e vespertino.
4. Decidir manter vosso constante crescimento cristão, estando presente às reuniões regulares da igreja.
5. Tomar parte nas atividades da igreja, utilizando vosso tempo e talentos como obreiro na causa de Deus.
6. Ter o cuidado de representar corretamente a igreja em todas as vossas atividades, lembrando-vos de que sois representantes de Deus em tudo que fazeis.
7. Quando necessitardes de ajuda, procurar vosso guardador espiritual e com ele falar sobre os vossos problemas. Se o desejardes, consultai o vosso Pastor; ele estará sempre pronto a auxiliar-vos.
8. Terdes fé em Deus, confiando sempre em Seu poder para socorrer o que nEle confia, sabendo que "Aquele que em vós começou a boa obra" vos ajudará e "vos aperfeiçoará" até "o dia de Jesus Cristo". (Fil. 1:6.) ▼

**Voto Tomado Pela Divisão Sul-Americana na Comissão Médio-Anual  
(74-330)**

**PLANO DE ESTUDO DE APOSTASIAS**

CONSIDERANDO as elevadas perdas de membros que vêm experimentando a Igreja nos últimos anos; e

CONSIDERANDO que é nosso dever tratar de manter a vida espiritual dos novos irmãos, ao mesmo tempo que recuperar a quantos seja possível trazer de volta ao redil; foi

**VOTADO,**

1. Fazer um diligente estudo do problema da apostasia, que consistirá em visitar o maior número possível de irmãos afastados da igreja a fim de obter informações que nos ajudem a reconhecer as causas mais comuns do afastamento da igreja..

a) A fim de ter uma visão geral e o mais abrangente possível, realizar o referido estudo em todos os campos da Divisão, incluindo os diferentes ambientes nos quais a obra se desenvolve.

b) Comprovar e comparar a incidência de apostasias depois das grandes campanhas de evangelização, trabalho leigo, evangelismo pastoral, etc.

c) Verificar até que grau influem a falta de preparo pré-batismal, a deficiente atenção pastoral posterior, a pregação, promoção, etc.

d) Que cada visitador leve formulários confidenciais, que conterão os pontos que mais interessa conhecer, a fim de que os preencha, depois da entrevista.

e) Realizar o estudo e a avaliação dos resultados durante os primeiros seis meses de 1975. Com base nas conclusões obtidas, iniciar uma campanha decidida, para a recuperação de quantos seja possível trazer de volta à igreja.

2. Corajosamente encarar os fatos que produzem apostasias e procurar resolvê-los.

# COMPANHEIRISMO

Num concílio ministerial, um dos nossos ministros assegurou que uma das necessidades prementes do ministério adventista hoje, é o companheirismo leal. Referia-se mais diretamente aos secretários departamentais de Campos; contudo esta verdade deve incluir todos os administradores nos seus diversos setores, que correm o perigo de se apresentarem aos Pastores e obreiros tipificando inspetores de firmas comerciais na verificação do que pode estar certo e do que pode estar errado.

Não há dúvida de que a averiguação das coisas é necessária, mas muito mais necessário em qualquer área ministerial é o companheirismo, que infelizmente tende a diminuir na liderança da igreja, talvez em face da crescente departamentalização da obra que cada dia aumenta, visando melhor agredir o mundo que necessita do poder da Verdade. Todos conhecemos Pastores companheiros, amigos, afetuosos. Por outro lado não é muito agradável ver Pastores e obreiros que ficam quase a sucumbir em meio às lutas, e completamente isolados de companheirismo. Afinal, ser Pastor não é ser eremita.

Alguns, senão muitos, parecem não apreciar muito o companheirismo, devido sua natureza fechada, introvertida. Tenho visto Pastores que raramente visitam os colegas, mesmo que não residam muito distante de sua casa.

Um Pastor me disse não se sentir muito bem no convívio ministerial — entre colegas. Dizia que de modo geral só colhe nesse ambiente frutos que até prejudicam sua fé como Pastor. Eis os frutos: “Fofocas”, maltrato aos líderes administradores, e citou outras coisas de mal-estar que permeiam os bastidores do ministério adventista. Referia-se aos concílios ministeriais, assembléias de Campo, etc. Devemos concordar com esse Pastor. Tem razão que devemos exterminar com o hábito de “bisbilhotar” a vida de colegas da obra, e mesmo daqueles a quem Deus confiou maiores responsabilidades na liderança desta causa, seja do Campo local, da União, Divisão ou mesmo da Associação Geral. Contudo, isto não é motivo para vivermos isolados da sociedade ministerial e vivermos só para nossa esposa, filhos e igreja que cuidamos.

Não vai aqui nenhum demérito aos nossos irmãos



# MINISTERIAL

Samuel D. Kettle

leigos, mas em realidade são poucos os irmãos que se identificam como leais companheiros de seus Pastores. Um Pastor me disse não ter nenhum, em sua igreja relativamente grande. Resultado: Quando desejam momentos amistosos e de companheirismo, encontram-nos entre pessoas fora da nossa fé — engenheiros, homens de negócios, médicos e outros profissionais.

Claro que o Pastor é humano e em si mesmo não tem muita coisa de tão extra. E nesse caso o companheirismo é encontrado entre aqueles do mesmo nível cultural e intelectual seu, o que muito raro se acha no seio da igreja. E mesmo que se encontrasse no seio da igreja, a necessidade do Pastor, neste caso, é companheirismo com outro Pastor.

Não é nossa intenção avaliar quanta culpa têm os Pastores, ou mesmo quanto cabe à liderança da obra por certa omissão de companheirismo. Conheço colegas de ministério que são grandes companheiros, amigos e de plena confiança. Se houvesse edificação, poderia relacionar alguns. Contudo, algo pode ser edificante: levantar-nos antes que muitos ministros adoçam do coração e do sistema nervoso; antes que outros repitam o que alguns têm feito: abandonar as fileiras do sagrado ministério, tristes por ausência de companheirismo.

Alguns obreiros têm caído em pecados e dificuldades escandalosos, e colocados fora da Obra porque nunca sentiram o poder do companheirismo entre Pastores. Já calculamos quanto benefício há em dois ou mais Pastores dobrarem os joelhos juntos em oração? Discutirem alguma parte exegética da Bíblia, certos contextos dos escritos da senhora White, ou mesmo comparar juntos o progresso do seu trabalho? São benefícios que não podemos avaliar em seu todo aqui na Terra.

O mesmo diria em relação às esposas de Pastores e obreiros. Estas que raramente ou nunca experimentaram um "bate-papo" aberto com suas colegas. Estas que nunca tiveram a oportunidade de ouvir orientação segura e em particular de ministros ou esposas de ministros experimentados. Merece destacar que algumas esposas de obreiros têm adoecido emocionalmente por falta dessa espécie de companheirismo. Segue-se a verdade de que alguns Pastores têm abandonado a ala ministerial motivados por suas esposas que viveram ausentes do convívio

social do ministério. Não experimentaram outra coisa senão ambiente do seu lar e dos irmãos da igreja, que geralmente só lhes trazem problemas para consertar, que nem sempre têm condição de fazê-lo.

Por que não o companheirismo ministerial?

Alegamos falta de tempo? Alegamos que nosso alvo de batismo está muito aquém do desejado? Apoiamo-nos no fato de que estamos no "fogo" da campanha da Recolta? Ou no fato de que o itinerário está muito apertado? Que alegamos?

Nosso supremo Ministro provou Seu grande companheirismo com Seus discípulos em inúmeras ocasiões. De S. Mateus a S. João encontramos Jesus acompanhando Seus discípulos nos diversos reveses do ministério. A certa altura, disse: "VINDE VÓS, AQUI A PARTE, A UM LUGAR DESERTO, E REPOUSAI UM POUCO. PORQUE HAVIA MUITOS QUE IAM E VINHAM, E NÃO TINHAM TEMPO PARA COMER". S. Marcos 6:31. Suas palavras expressam até hoje o sentido vivo do companheirismo.

As grandes empresas bancárias, comerciais e industriais e os profissionais liberais promovem regularmente ambientes de companheirismo. O mesmo ocorre com os clubes lojistas, clubes de serviço, sociedades médicas, etc. Se eles, que não têm por estatuto a Bíblia, enxergam como suprema necessidade o companheirismo entre os de sua classe, por que nós, que pertencemos a uma causa sumamente superior, não fomentamos mais e melhor o nosso companheirismo entre colegas e líderes de nossa obra?

Pode ser que alguém de nós resida bem distante do colega. Pode ser que nossa ocupação exija demais de nós (situação que de modo geral todos enfrentamos). Pode ser que . . . Mas se queremos ter mais saúde, mais entusiasmo e representar melhor a causa à qual fomos chamados, é tempo de melhor cuidar do nosso companheirismo, para o bem-estar da nossa família e para o progresso da nossa igreja.

É bom não esquecer que faz parte do companheirismo de Cristo o companheirismo ministerial.

*Nota da redação:* Este artigo não se aplica a todos os lugares. Há campos, onde o companheirismo entre os obreiros é excepcional. Entretanto estamos publicando-o como motivo de meditação por parte dos leitores, com o desejo de que se algo deve ser melhorado, devemos fazê-lo. ▼

# Interpretação Cristocêntrica da Sexta

## I. Planejamento

O melhor método que podemos usar para planejar ou enfocar o tema de nosso estudo é ir diretamente ao Livro Sagrado, especificamente o Apocalipse, e ver aí o que a respeito registra S. João, o apóstolo amado, em seu testemunho da "revelação" dada por Jesus Cristo.

"O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e a sua água secou-se, para dar caminho aos reis do oriente.

"E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta, vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs; porque são espíritos de demônios que fazem sinais, os quais vão aos reis de todo o mundo, para reuni-los para a batalha no grande dia de Deus Todo-poderoso.

"E os congregou no lugar que em hebreu se chama armagedom.

"O sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu uma grande voz do templo do Céu, do trono, dizendo: Está feito.

"E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e a grande Babilônia veio em memória diante de Deus, para dar-lhe o cálice do vinho do ardor de Sua ira". Apoc. 16:12-14, 16-17, 19.

Desta citação bíblica interessa-nos considerar cinco pontos básicos: 1. Que é o rio Eufrates? 2. Que significa o seu secamento? 3. Quem são os reis do oriente? 4. Em que consiste a queda de Babilônia? 5. Que é o Armagedom?

Ao continuar nossa investigação queremos advertir nossos leitores de que não temos a intenção de entrar nos pormenores dos versículos citados, senão principalmente dar resposta às cinco perguntas indicadas. Ademais, será necessário e indispensável conhecer qual a posição da igreja adventista no tempo de nossos pioneiros, com relação às verdades cardeais, e como Deus trouxe à luz a igreja nascente para dar uma correta interpretação às Escrituras.

## II. Os Pioneiros do Movimento Adventista e as Verdades Cardeais

Sabemos que os grandes pontos de nossa mensagem, verdades divinas, foram descobertos por nossos pioneiros mediante intenso estudo da Bíblia

e sincera oração. E mais, as Sagradas Escrituras eram estudadas comparando-se livro com livro, e versículo com versículo, uma e outra vez, estudo que muitas vezes era acompanhado de agônicas orações. Muitas vezes eles chegavam a um ponto em sua investigação em que lhes era impossível ver mais luz, ocasiões estas em que o Espírito de Deus descia sobre a mensageira do Senhor, a irmã White, sendo ela levada em visão, e então uma exposição clara do versículo estudado era-lhe dada, e a luz recebida era transmitida aos irmãos. (*Ver Obreiros Evangélicos*, p. 302.)

Já no ano de 1883, Ellen G. White escreveu: "Os grandes marcos que temos estabelecido são inamovíveis. Estes pilares da verdade permanecem firmes como montanhas eternas, inamovíveis apesar de todos os esforços humanos combinados com os de Satanás e de toda a sua hoste". — *Review and Herald*, 22 de novembro de 1883.

Mais tarde ela mesma escreveu: "As verdades que nos foram dadas depois de passado o tempo em 1844 são tão certas e imutáveis como quando o Senhor nô-las deu em resposta a nossas orações sinceras. Sabemos que o que temos aceito é a verdade". — *Manuscrito* 32, 1896. E logo acrescentou: "Nem um só ponto será removido do que Deus estabeleceu. Não estaremos resguardados a não ser nas verdades que o Senhor nos tem dado nos últimos cinquenta anos". — *Id.*, 25 de maio de 1905.

É realmente oportuno assinalar que em relação a um dos pontos que aparecem em nosso texto, o Armagedom, o Pastor Tiago White se expressou deste modo em 1862: "A grande batalha não é entre nação e nação, mas entre o Céu e a Terra". — *Id.*, 2 de janeiro de 1862.

E ainda no mesmo ano de 1862 um hino adventista em relação ao Armagedom punha ênfase na segunda vinda de Cristo, quando Ele livrará o Seu povo, e destruirá os ímpios e então os mortos ressuscitarão.

Este era o ensino da igreja nascente com respeito ao Armagedom. Talvez seja uma surpresa para alguns saber que antes da morte do Pastor Urias Smith em 1903, a idéia do conflito entre Oriente e Ocidente como o Armagedom, nunca apareceu na literatura da igreja. Apresentando um estudo sobre a origem desta posição em voga ainda em nossos dias, de que o Armagedom é a luta político-

# e Sétima Pragas e do Armagedom - I

militar entre nações do Oriente e do Ocidente, o Pastor Roy F. Cottrell diz: "Os novos conceitos em relação com o Armagedom foram introduzidos subseqüentemente a sua morte, contidos na idéia de que o Armagedom é essencialmente um conflito político-militar, e por onde as nações do Este vêm a ser os reis do Oriente da profecia. Nenhum destes dois pontos de vista parecem haver sido de Urias Smith". (Citado por L. Were em *The Kings That Come From the Sunrising*, p. 11.) Por outro lado diremos à margem, que é certo o fato de que Urias Smith mudou o seu ponto de vista concernente à interpretação de Daniel 11:45.

A posição do resto dos pioneiros e entre eles Tiago White, sobre o poder de Dan. 11:45 era de que representava o papado; mas Urias Smith, entusiasmado com os acontecimentos de seus dias, e a guerra entre a Rússia e a Turquia, aplicou a profecia à Turquia. Os anos demonstraram o erro do Pastor Smith neste ponto.

Daí o haver o Pastor White dito: "Não podemos usar o sistema ou método de permitir que os relatos da imprensa ou acontecimentos atuais determinem a interpretação das profecias que faltam cumprir-se. Este método não foi usado pelos pioneiros, mas sim o de ir à Bíblia para que ela seja o seu próprio expositor". — *Id.*, p. 12.

O Pastor White sabia que Urias Smith estava seguindo o método errôneo de interpretação por permitir que acontecimentos políticos influenciassem a interpretação das profecias dos últimos tempos, e ele sabia que os acontecimentos não correriam como Smith supunha, isto é, que a Turquia estava destinada a ser expulsa da Europa. Tiago White havia dado ênfase e sido campeão da idéia de que a Bíblia é o seu próprio intérprete e expositor, aconselhando o uso de passagens que claramente fossem compreendidas para explicar porções paralelas que não eram muito claras.

Por não seguir esta posição dos pioneiros, muitos de nossos escritores durante o tempo compreendido entre a Primeira Guerra Mundial e nossos dias, continuam cometendo tremendos erros de interpretação sobre a sexta e sétima pragas e o Armagedom. A grande razão destes erros é que as idéias têm sido copiadas de fontes secula-

res, como as revistas informativas, diários e comentaristas políticos em relação a estes eventos.

Exemplos: Logo depois da Primeira Guerra Mundial apareceram muitos artigos e até alguns livros com relação ao perigo da raça amarela, fazendo finca-pé em que o Japão seria "os reis do oriente" em sua invasão do Ocidente. Com a Segunda Guerra Mundial esta linha de interpretação se aclipsou, e um artigo na revista *The Ministry*, do mês de junho de 1946, negou que o Japão tivesse algo que ver com os reis do Oriente, da sexta praga.

Também se falou da Segunda Guerra Mundial como o Armagedom do cap. 16. Não falta quem em nossos dias continue aventurando-se em suas interpretações, dizendo que a Rússia e a China são os reis do Oriente de que fala a profecia, e que movidos pelos "espíritos de demônios" virão contra o Ocidente, e o mundo submergirá no Armagedom. Ou que a Rússia e os países árabes, inclusive alguns países africanos, atacarão a Israel, e que logo este conflito se estenderá ao Ocidente, cumprindo-se assim o Armagedom de Apoc. 16.

A razão que muitos escritores apresentam para pensar assim é que estas potências não são praticamente cristãs, mas *ateístas ou pagãs*, e que o *Ocidente é cristão*. Perguntamos: Não está acaso o Ocidente caracterizado por sua negação dos fundamentos do cristianismo, com países nominalmente cristãos, caracterizados por sua maldade e total afastamento da moral e bons costumes, ainda em certos aspectos piores do que países orientais que nós denominamos pagãos?

É claro então que estas gloriosas profecias têm sido mal interpretadas e erradamente aplicadas a conflitos puramente militares. Voltando ao nosso pensamento, vamos dizer: "O Armagedom é uma batalha entre o Céu e a Terra, entre o bem e o mal, entre Cristo e as hostes de Satanás".

Dar a esta profecia uma interpretação oriental é uma injustiça, ou usando as palavras do Dr. Hans LaRondelle, professor de Teologia da Andrews University, "é uma heresia". (Notas da classe de Escatologia da Andrews University, 1972.) A serva de Deus, falando dos acontecimentos finais da história do mundo, assinala: "O mundo inteiro será comovido com a inimizade contra os adventistas do sétimo dia, porque eles não renderão homenagem ao papado, honrando

o domingo, a instituição do poder anticristão. E é propósito de Satanás fazer que sejam extirpados da Terra, a fim de que a supremacia desse poder no mundo seja indiscutível". — *Test. para Ministros*, p. 34.

"Haverá em diferentes países um movimento simultâneo para sua destruição". — *O Conflito dos Séculos*, p. 635.

Podemos então estar seguros de que de uma ou de outra forma logo haverá pelo menos uma união aparente entre Oriente e Ocidente para impor o "decreto de morte" contra o povo de Deus que guarda os mandamentos e tem a fé e o testemunho de Jesus (Apoc. 14:12; 12:17).

Com esta introdução geral vamos ao Apocalipse e estudemos a interpretação da sexta e sétima pragas e o Armagedom à luz das próprias Escrituras e do Espírito de Profecia.

### III. Enfoque Cristocêntrico do Secamento do Eufrates e a Queda de Babilônia

Uma das mais gloriosas mensagens que as Escrituras contêm encontra-se em Apoc. 16:12-21. Esta profecia é de tremenda importância. É uma mensagem enviada a alegrar o coração de todos os cristãos e particularmente do "povo remanescente", eliminar toda obscuridade, trazer luz celestial e dar força, coragem e iluminação ao povo de Deus. É uma profecia que fala da vitória do povo de Deus e o fim da apostasia.

De acordo com o texto em estudo, a sexta praga é derramada sobre o rio Eufrates, este seca-se, dando lugar à queda de Babilônia, à vinda dos reis do Oriente e a libertação do povo de Deus por ocasião da última grande batalha.

Devemos compreender a sexta praga em relação com o contexto da sétima praga, isto é, a queda de Babilônia. Estudar a sexta praga de modo isolado não é justo; esta deve ser estudada em relação com as demais, especialmente a sétima, a queda de Babilônia, e interpretá-la com a ajuda das Escrituras Sagradas.

**A Queda da Antiga Babilônia:** O Apocalipse está arraigado no Antigo Testamento. Poderíamos aventurar-nos a dizer que cada palavra e figura é tomada dessa divisão tão importante das Escrituras. As figuras do cap. 16 concernentes ao secamento do rio Eufrates, a queda de Babilônia e os reis que vieram do Oriente [para tomar Babilônia] foram tiradas dos acontecimentos que marcaram a queda literal da antiga Babilônia.

**Relação da Sexta Praga com o Antigo Testamento:** Os profetas de Israel profetizaram sobre o cativo babilônico de Judá, bem como da queda de Babilônia e a oportuna libertação do povo de Deus. Foi o profeta Isaías no cap. 11 de seu livro e versos 11-16 quem anunciou a reunião, ou volta dos fiéis de todas as tribos de Israel (12) a sua terra.

Sabemos que quando os setenta anos de cativo terminaram, representantes de todas as tribos regressaram à Palestina, pois os territórios conquistados pela Assíria aos quais foram conduzidos os israelitas das 10 tribos depois da queda de Samaria no ano 722 AC, são mais tarde ocupados por Babilônia. Ademais, sabemos também que pelo menos houve três incursões na terra de Judá por parte dos babilônios, e três grupos de cativos são levados a Babilônia respectivamente nos anos 605, 597 e 586 AC.

O cativo teve o propósito de levar ao arrependimento. Deus entregou Jerusalém nas mãos dos babilônios e estes interpretaram a queda da cidade como superioridade de seus deuses sobre o Deus de Israel. Por outro lado, sabemos que foi o profeta Jeremias quem pregou que o cativo seria de setenta anos apenas (Jer. 15:12). Chegado o dia de Deus, Ele permitiu a queda de Babilônia e a libertação de Seu povo.

Quase um milênio antes Deus havia tirado o Seu povo do cativo egípcio, e assim os tiraria agora de Babilônia, e isto seria um segundo êxodo. (Ver Jer. 23:7, 8.) É oportuno assinalar que os profetas que anunciaram o cativo de Judá e então sua libertação, anunciaram também a queda de Babilônia, o secamento do rio Eufrates e a vinda dos reis do Oriente. (Ver Jer. 50:38; 51:36; Isa. 41:2, 25.)

O rei do Oriente escolhido por Deus para trazer libertação a Israel, foi Ciro. Do Oriente vieram os persas, os quais, unidos aos medos, e a outros príncipes, invadiram Babilônia. Deus libertou de Babilônia o Seu povo, assim como o libertou do Egito.

Daniel nos informa que estava orando pela libertação, pois sabia que os setenta anos estavam chegando ao fim (Dan. 9:1-3). Na noite de orgia e pecado de Belsazar, cai Babilônia. Era 12 de outubro de 538 AC.

150 anos antes Isaías predissera que Ciro, "o pastor", seria o servo ungido por Deus para libertar Seu povo. Ele era um rei que vinha do Oriente, isto é, do sol nascente. (Ver Isa. 44:26-28.)

No ano 536, a primeira coluna de israelitas regressou à Palestina, fato que se tornou possível graças ao decreto de Ciro.

### Como Cairá a Babilônia Mística que se Mostra tão Poderosa?

Assim como a antiga Babilônia caiu em mãos de Ciro, a Babilônia mística cairá, e Deus libertará o Seu povo oprimido e perseguido por ela.

Ciro baixou o primeiro decreto para que Jerusalém fosse reconstruída. O propósito de Deus não era somente que Babilônia caísse, mas também o de libertar o Seu povo e reedificar Jerusalém (Esdras 1:1-4).

(Cont. na p. 21)

# Alguns Princípios de Ciência Textual

Aecio Cairus

Prof. de Teologia do Colégio Adventista do Prata

O número de maio-junho de 1972 de *O Ministério Adventista* publicou um artigo sobre a doxologia do Pai Nosso que se inclinava pela supressão dessas palavras [seguido de uma nota opinativa em contrário na edição desta mesma revista em espanhol].

Quando os manuscritos que contêm a Bíblia em seu idioma original diferem entre si em algum pormenor, o modo em que reza cada manuscrito chama-se "variante". O objetivo da ciência textual é estabelecer qual a melhor "variante" — a que tem mais probabilidade de ser a original e autêntica. Para tanto usam-se critérios externos e internos, isto é, documentais e racionais. Estes últimos, que logram cada vez mais o favor entre os cultores desta ciência, não são mencionados pelo autor daquele artigo, nem pelo redator, e não trataremos deles aqui tampouco.

Para tornar mais claros os princípios documentais modernos, seguiremos seu desenvolvimento histórico. João Mill, ao publicar em 1907 a sua edição do Novo Testamento grego, guiou-se pelo princípio de *pluralidade de manuscritos*. Em essência: quanto maior a quantidade de manuscritos que a representem, maior a variante. Este princípio representava um avanço sobre a absurda reverência em que se tinha então o "textus Receptus", o Novo Testamento grego que foi preparado por Erasmo de Rotterdam, do qual falaremos mais adiante. Mais tarde Carlos Lachmann publicou o seu (1831), preparado sobre a mesa da *pluralidade de autoridades*. Este é um refinamento do princípio anterior, que leva em conta não tanto o número total de manuscritos que testificam em favor de uma variante, mas o número de manuscritos autoritativos, vale dizer, muito antigos, bem cuidados, procedentes de sedes eclesiásticas antigas, etc. Todavia, já antes dele Alberto Bengel havia esboçado um princípio melhor, o de *pluralidades de famílias*. Ocorre que algumas vezes vários manuscritos autoritativos podem proceder, por cópia, de um mesmo que não tenha sobrevivido até o presente. Formam assim uma só família, como se disse. De outras famílias, porém, genealogicamente muito distantes destas, só sobreviveram, digamos ao acaso, um exemplar de cada uma. Resulta aqui evidente que estes últimos, conquanto menos numerosos hoje, representam a mais

manuscritos da primeira época de transmissão da Bíblia.

O estudo minucioso de milhares de manuscritos do Novo Testamento grego tem permitido agrupá-los em três grandes famílias, e num quarto grupo os mais difíceis de relacionar geneologicamente. Hoje sabemos que cada uma dessas famílias representa um manuscrito "padrão", preparado numa sede eclesiástica importante da antiguidade. O procedimento que os patriarcas ou bispos influentes que dirigiam essas sedes adotavam era pedir emprestados todos os exemplares que se pudessem conseguir e compará-los, resultando daí o "manuscrito padrão". Tecnicamente esse trabalho se chama *recensão*. Houve uma recensão em Alexandria, outra em Cesaréia, e uma terceira em Antioquia. A quarta sede eclesiástica importante da época, Roma, não se preocupou em fazer nenhuma recensão. As recensões alexandrina, cesareense e antioquiense datam do século segundo ao quarto de nossa era. Os manuscritos restantes se chamam "ocidentais". Mais tarde originou-se a família "bizantina", já na Idade Média, para benefício da igreja ortodoxa do Oriente, de língua grega, e que se derivou de manuscritos antioquienses. Quando pelos fins da Idade Média a pressão muçulmana obrigou muitas personalidades do império bizantino a fugir para a Europa, levaram consigo alguns exemplares, junto com outros livros em grego que acenderam a chama do Renascimento. Estes foram os únicos manuscritos gregos que Erasmo conheceu (treze ao todo), posto que na igreja do Ocidente se utilizava então com exclusividade, não o grego original, mas uma tradução em latim, a Vulgata. O Novo Testamento grego impresso que ele preparou foi a base para todas as versões em línguas modernas da Reforma-Casiodoro de Reina [espanhola] incluída. Nossa Bíblia Reina-Valera [espanhola] contém a doxologia do Pai Nosso, porque toda a família antioquiense (e portanto a bizantina) a possui. Os manuscritos cesareenses também a trazem. Os restantes, não.

Toda evidência textual a favor da doxologia pode, pois, reduzir-se a estas duas famílias: cesareense e antioquiense. Por exemplo, a mui autoritativa versão Peshitto (síriaca) é tomada também de manuscritos antioquienses. O interessante

(Cont. na p. 16)

# Política e Igreja

## 1. Que é Política?

Creio que foi Bernard Shaw que contou a história de três profissionais que discutiam entre si qual das três profissões era a mais antiga. O médico disse: "A medicina é a primeira profissão, já que foi no Éden que se fez a primeira operação, quando o Cirurgião tirou uma costela de Adão e fez Eva". "Não", protestou o segundo, um arquiteto, "a minha é a mais antiga, pois segundo o Gênesis Deus tirou do caos a ordem". Então o terceiro, um político, entrou na disputa para derrubar as duas outras teorias. "Amigos", disse, a política é a mais antiga profissão, pois o caos é anterior à ordem, e nós, os políticos, fizemos o caos".

Alguns dicionários definem "política" como a arte de governar e ditar leis e regulamentos, com o fim de manter a tranquilidade e segurança pública, a ordem e os bons costumes. Neste sentido podemos falar de política de Estado, política educativa, política eclesiástica, política empresarial. Esse seria para o cristão um uso legítimo da política. Mas há uma aceção em que a política viria a ser a "inteligência ou habilidade" empregadas na condução de um assunto para alcançar um propósito determinado. Aqui nos vimos em face de uma séria dificuldade: se a inteligência não é controlada pelo princípio divino e a habilidade não foi santificada, o uso chega a ser ilícito para o cristão. Quando se recorre ao engano sistematizado, à fraude, à adulação ou à demagogia ou a qualquer outro procedimento duvidoso, o que se consegue é a reprovação do Senhor.

Maquiavel cunhou a frase: "O fim justifica os meios", mas Ellen G. White declarou que o "seguir métodos políticos nos coloca em dificuldades". "E o que considera o favor dos homens como mais desejáveis do que o favor de Deus, cairá sob a tentação de sacrificar princípios em favor do lucro ou do reconhecimento".<sup>1</sup>

## 2. Relações de Igreja e Estado

As Sagradas Escrituras assinalam nitidamente os limites dentro dos quais devem mover-se Estado e Igreja. A idéia diretriz é esta: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". S. Mat. 22:18-21. O apóstolo Paulo insta com os cristãos a que se submetam à ordem constituída (Rom. 13:1-6). Lembremos que a carta aos romanos foi escrita em algum momento entre os anos 57 e 58, época em que Nero governava o

império. Estes mesmos princípios estão apresentados em outros textos inspirados:

Tito 3:1. Sujeição à autoridade constituída.

I S. Ped. 2:13-16. Sujeição a toda autoridade.

I Tim. 2:1, 2. Orar pelas autoridades.

Os cristãos podem e devem contribuir para o progresso da comunidade, usando os dons e talentos que Deus lhes deu. A serva do Senhor pergunta: "Queridos jovens, tendes o pensamento que não vos atreveis a expressar, de estar algum dia no alto da grandeza intelectual, de sentar-vos em assembléias legislativas e deliberadoras, e ajudar a ditar leis para a nação? Não há nenhum mal nessas aspirações".<sup>2</sup>

José e Daniel são exemplos típicos de como um filho de Deus pode colaborar nas funções governamentais na qualidade de "técnico", mas a política militante é outra coisa: "O Senhor quer que Seu povo enterre as questões políticas. Sobre estes temas o silêncio é eloquência".<sup>3</sup>

"Os que ensinam a Bíblia em nossos colégios não têm liberdade de unir-se para tornar públicos os seus conceitos pró ou contra homens ou medidas políticas, porque ao fazê-lo excitam a mente de outros, induzindo cada um a defender sua teoria favorita".<sup>4</sup>

"Não tomeis parte em lutas políticas. Separai-vos do mundo e evitai introduzir na igreja ou na escola idéias que conduzam a contendas e desordens".<sup>5</sup>

"Qualquer conexão com os infiéis e incrédulos, que com eles nos identifique, está proibida pela Palavra".<sup>6</sup>

"Devem entregar as credenciais os membros do ministério que desejem destacar-se como políticos, porque Deus não deu esta obra nem aos exaltados e nem aos humildes do povo".<sup>7</sup>

A igreja adventista tem um governo representativo, vale dizer, os dirigentes são eleitos pelos representantes das igrejas. "Deus dispôs das coisas de tal maneira que homens escolhidos sejam enviados como delegados a nossos congressos. Estes devem ser homens provados, dignos de confiança".<sup>8</sup> Mas estes delegados deverão evitar tudo que cheire a "manobra política". (Ver *Manual da Igreja*, p. 198.)

O delegado "não é eleito para representar simplesmente a igreja ou Associação que o elege". Ele "deve levar em conta a obra em seu conjunto", não sendo permitido que "as delegações de  
(Cont. na p. 21)

# A Esposa do Pastor

Regina de Hernández

Secretária da Associação Este de Porto Rico

Ao ser-me solicitado que apresentasse um tema como este, pensei recusar, já que reconheço haver outras senhoras muito mais experientes do que eu, capazes de fazer uma exposição mais completa; mas aceitei, dado que sou esposa de um Pastor.

Tenho trabalhado durante onze anos ao lado de meu esposo, e cada dia penso na grande responsabilidade e na honra que Deus me conferiu, enquanto juntos compartilhamos nossas vidas.

Que privilégio ser a esposa de um ministro do evangelho! Nossos esposos têm dedicado a vida a Deus, entregando os seus talentos e o seu tempo a causa do Senhor. Portanto nós, que temos sido escolhidas por eles, precisamos dedicar, consagrar, nossas vidas à mesma causa.

Como esposas de Pastores, deveríamos lembrar que estamos em sociedade com nossos esposos e com Deus, e que a sociedade deveria ter êxito e ser frutificadora, já que este é um sinal de que fomos chamados por Deus.

Em algumas ocasiões tenho sido tentada a pensar que nos basta realizar nossas ocupações domésticas, que nos esmeremos em educar nossos filhos e nos ocupemos dos pormenores da vida no lar. Há, todavia, outras responsabilidades que também repousam sobre nossos ombros.

A esposa do Pastor, além de ser dona de casa, mãe exemplar, companheira do Pastor, é serva de Deus, o Deus que lhe outorgou o privilégio de estar unida ao homem que é mensageiro Seu, ganhador de almas, obra na qual deve ela partilhar com o marido.

Como disse Rute a Noemi, também devemos dizer: "O teu povo é o meu povo, o teu Deus o meu Deus", e "o teu trabalho será o meu trabalho". Devemos partilhar da mesma paixão de nosso esposo pelas almas, do seu mesmo anelo por evangelizar; devemos orar com ele e juntos trabalhar pelos perdidos, pelos que sofrem, pelos indecisos e os tentados e desanimados.

No livro *Evangelismo*, pp. 674, 675, a irmã White nos diz: "Repousa sobre a mulher do ministro uma responsabilidade que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há de requerer dela o talento que lhe foi emprestado, com usura. Cumpre-lhe trabalhar fiel e zelosamente, em conjunto com o marido, para salvar almas". "A esposa de um ministro pode fazer muito, se quer. Se for dotada de espírito de sacrifício, e tiver amor pelas almas, poderá fazer com ele outro tanto de bem. Uma obreira na

causa da verdade pode compreender e tratar, especialmente entre as irmãs, de certos casos que se acham fora do alcance do ministro".

Devemos trabalhar com nossos esposos para manter as normas da igreja. Não podemos transigir. Estamos a favor ou contra a verdade. Ou atraímos outros para Jesus, ou os afastamos. Que tremenda responsabilidade a nossa!

Temos de ser mulheres de oração. Se temos uma conexão viva com Deus, isso se verá e será sentido em nossa vida. A piedade não é algo que enverguemos, mas algo que vivamos, que experimentemos. Creio que cada uma de nós é privilegiada em ser esposa de um Pastor, mas a responsabilidade é maior que o privilégio. Nós podemos ajudar a edificar ou a destruir o êxito de nosso marido. Muitas vezes temos ouvido dizer: "Ele tem sucesso graças a sua esposa", ou "apesar de sua esposa".

Há instituições que têm pensado em chamar um obreiro para um posto de importância onde seja necessário um homem capaz, e ao mencionar-se o nome, alguém comenta: "Seria um bom nome, mas... a esposa...!"

Nós esposas podemos realizar muito indiretamente para o êxito de nossos esposos, e aqui desejo mencionar alguns pontos específicos. Conquanto se tenha dito que o conformismo estanca as pessoas, eu aplicaria isto a um conformismo espiritual e intelectual, de insucessos e novas realizações, mas nós como esposas de obreiros temos de conformar-nos, a que me refiro?

1. Temos de conformar-nos quando nosso esposo inicia campanhas, não reclamando sua ausência. Muitas vezes ele deseja estar conosco e com os filhos, mas sua responsabilidade exige sua ausência do lar, de alguma reunião social ou de alguma ocasião em que gostaríamos que ele estivesse presente. Quão duro é para ele despedir-se, deixando-nos com o rosto sério, com comentários como este: "Como sempre só; você tem filhos que atender; gosta de estar em todas". Isto mata o seu entusiasmo, tornando-lhe pesado o trabalho; e quando assim procedemos, não estamos cooperando com ele. Nosso eu deve esconder-se detrás da cruz de Cristo e dos milhares de perdidos.

2. Conformar-nos com as mudanças. Lembro o primeiro lar que meu esposo e eu estabelecemos, com muito pouca coisa, mas as dedicamos ao Senhor. Temos feito isto em cada novo lar que temos tido, e foram ao todo, dez. Uns mais

cômodos que outros, mas todos foram abençoados maravilhosamente.

3. Conformer-nos com o que podemos ter e com que nos cobrir. Tenhamos em mente que as pessoas da igreja e de fora nos observam, e mesmo que não queiramos, somos exemplo para muitas. Não devemos ser escravas da moda, nem exigir de nossos esposos a compra de vestidos caros, mas sim preocupar-nos em brilhar bem, e dar a melhor impressão tanto a nosso esposo como aos demais com quem privamos. Uma pessoa desalinhada é má propaganda para o povo de Deus. Tanto o Pastor como a esposa e seus filhos deveriam “adornar o ministério”. O asseio pessoal, a limpeza no lar e a maneira ordenada de arrumar as coisas farão que nosso esposo, ao chegar em casa, sintam-se tão bem que o lar lhe seja o oásis onde recobre as energias gastas, e possa continuar sendo um manancial de bênçãos para todo aquele que busca a Jesus. Demais disto, os seres celestiais habitarão onde há limpeza e ordem. (Ler *O Lar Adventista*, Caps. 2, 13, 42.)

Não vacilemos em mostrar hospitalidade em nosso lar. As pessoas não se interessam tanto no que lhes damos para comer como no prazer de nos conhecer e em nós confiar como pessoas amigas. Nosso lar deve ser um lugar onde reine a verdadeira felicidade, onde tudo esteja limpo e em ordem. O alimento deve ser simples e servido com arte. Devíamos estar em condições de poder receber as pessoas a qualquer momento sem experimentar confusão ou mau-humor.

Nossas crianças devem estar preparadas para receber o pai, e como nós mesmas, sair e dar-lhe as boas-vindas. Como esposas de obreiros devíamos estar ao lado dele, orando diariamente por sabedoria e direção divina a fim de mantermos as normas que Deus nos tem dado, e educar nossos filhos no temor de Deus.

Como companheiras, devemos interessar-nos em seu trabalho, ouvindo com atenção, vibrando com suas experiências e sentindo com ele o impacto da luta. Diz o Pastor Roy Allan Anderson: “Nada é de maior importância para um Pastor do que saber que sua esposa está com ele, não somente na batalha da vida e nas responsabilidades do lar, mas também nas experiências desafiadoras e delicadas que constituem parte do seu trabalho ministerial.

As esposas temos que participar das aflições, dos temores, dos desapontamentos e das responsabilidades do ministro; mas também devemos participar dos gozos, felicidade, emoções e êxitos.

Em continuação quero trazer alguns pensamentos do cap. 16 de *O Lar Adventista*, livro que deve ser lido cada ano pelas esposas de Pastor. Diz ali Ellen G. White: “Encontre a esposa e mãe de família tempo para ler... para ser companheira de seu marido... Faça do querido Salvador

seu companheiro de cada dia... Dedique tempo ao estudo da Palavra de Deus. Conserve-se alegre e animada. A esposa deve dar graça ao lar como esposa e companheira”.

Creio de todo o coração que necessitamos pedir a Deus em oração um maior espírito missionário, uma visão mais ampla de nossos deveres, e que isto se traduza numa vida cheia de utilidade e consagração. Naquele dia, o dia das recompensas, o dia dos galardões eternos, nossos ouvidos escutarão as palavras mais doces: “Bem está”.

Que esta seja a sorte de todas as que levamos o título de “Esposa do Pastor”.

## Alguns Princípios . . .

(Continuação da p. 13)

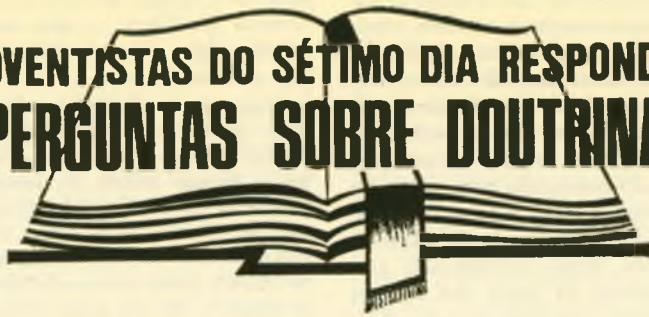
é que estas duas famílias “mancam da mesma perna”: suas variantes têm a tendência de ser expressões mais polidas e literariamente mais elegantes que as de outros manuscritos. Como a doxologia é um agregado que dá mais polimento e elegância ao Pai Nosso, o testemunho antioquiense e cesareense é suspeito. Por outro lado, os manuscritos ocidentais têm a tendência para variantes longas e intercalações, pelo que o seu silêncio aqui resulta em testemunho contra bastante forte.

Outra evidência externa confirma as primeiras impressões: a Didaquê, espécie de manual eclesiástico do segundo século, prescreve belas liturgias para todas as ocasiões, com doxologia muito semelhante a de que nos ocupamos. Quando cita o Pai Nosso, fá-lo com esta doxologia, e a área de influência da Didaquê foi justamente a costa oriental do Mediterrâneo (incluindo-se Cesaréia e Antioquia). Daria a impressão de que as palavras com que finaliza o Pai Nosso em nossa Bíblia se originaram com esta liturgia e foram incluídas involuntariamente (pela força do constante ouvir) pelos copistas cesareenses e antioquienses nas Escrituras.

Conquanto as evidências aqui apresentadas não sejam a rigor definitivas, ilustram muito bem princípios que convém conhecer. De qualquer modo, não há porque interromper o costume de usar estas formosas palavras quando oramos. O comentário ou utilização que delas fazem a Sra. White, só garantem a sanidade e veracidade declarativas — não a origem ou canonicidade, a menos que queiramos canonizar também os escritos pagãos que Paulo cita, para exemplo. Mas nos dão razões de sobra para utilizar a formosa doxologia sem a qual, para os que estamos habituados a ouvi-la, o Pai Nosso perderia algo de sua sonoridade.



# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



Sentido do Termo “Evangelho Eterno”

## PERGUNTA 45

*Que querem os adventistas dizer com a constante ênfase que dão à expressão “evangelho eterno”, de Apocalipse 14:6? Trata-se de um evangelho especial que procuram pregar, e que difere do evangelho pregado pelos protestantes em geral? Queiram explicar.*

Não entendemos que o “evangelho eterno” de Apocalipse 14:6 seja um evangelho novo e diferente daquele que o Senhor, os apóstolos e a igreja primitiva pregaram, e que deve ser novamente acentuado em dimensões mundiais, nestes últimos dias. São as mesmas inalteradas e imutáveis boas-novas que Deus comunicou ao homem desde que o pecado entrou no mundo, embora discernido com vários graus de clareza e ênfase, em épocas diversas.

Seus primeiros vislumbres manifestaram-se na promessa da “semente”, ou “descendência” — promessa feita quando o homem estava ainda além-portais do Éden (Gên. 3:15). O evangelho, segundo as Santas Escrituras, foi pregado mesmo a Abraão: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti serão abençoados todos os povos” (Gál. 3:8).

O apóstolo Pedro referiu-se a esse mesmo evangelho quando escreveu: “Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam”. I S. Ped. 1:10 e 11.

É claro, pois, que o que foi pregado antes da cruz era evangelho, embora em figura, em símbolo ou sombra. A revelação plena veio em Jesus Cristo e por Ele. Assim é que se lê: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas

maneiras, aos pais, nos profetas, nestes últimos tempos nos falou, em um que é Seu Filho”. Heb. 1:1 e 2.

Mas um grave afastamento da fé — uma básica e trágica “apostasia” da pura fé evangélica e apostólica — veio a tornar-se a grande apostasia latina, a dominante perversão papal da Idade Média. Entretanto, isso tudo foi expressamente predito pelo apóstolo S. Paulo, em II Tess. 2:3-10.

Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus. Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?

E agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; e então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de Sua boca, e o destruirá, pela manifestação de Sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

No tempo devido surgiu a Reforma Protestante, que trouxe nobre avivamento de grande parte do evangelho que fora pervertida e se perdera. O grande princípio básico do evangelho — justificação pela fé — foi restaurado, e restabelecida a simples confiança no definitivo sacrifício expiatório de Jesus Cristo e Seu todo-suficiente sacerdócio medianoiro. Uma longa lista de perversões\* papais foi repudiada e abandonada.

Conquanto houvesse um magnífico retorno à maior parte do evangelho — a fé uma vez entregue aos santos — todavia naquele tempo não foram acentuados certos aspectos da mensagem evangélica. Contam-se entre esses aspectos o batismo por imersão, a imortalidade como dom concedido por Cristo ao ressuscitar, a restauração do sétimo dia como dia de repouso, e várias outras verdades bíblicas.

Nós, adventistas, cremos convictamente que nestes últimos dias Deus está convidando a que se

\* Essa lista inclui: Orações pelos mortos, a perseguição, veneração dos santos, celebração da missa, culto a Maria, purgatório, veneração de relíquias, penitência, água benta, celibato dos sacerdotes, o rosário, a inquisição, a transubstanciação, extrema-unção, confiança na tradição.

complete a Reforma Protestante interrompida, restaurando plena e definitivamente a verdade evangélica. Justamente como surgiram no século dezesete os batistas, para acentuar, entre outras verdades esquecidas e conculcadas, o batismo por imersão, e como no século dezoito os wesleianos pregaram a livre graça divina, assim, cremos nós, a igreja cristã está sendo convocada para voltar ao evangelho pleno, original e imaculado — o “evangelho eterno”, imudado e imutável no plano e desígnio de Deus. Isto, como entendemos, está tudo envolvido no preparo da igreja dos últimos dias, para o encontro com o Senhor, ao voltar Ele.

Este mesmo princípio de fidelidade ao evangelho eterno, implica também a rejeição de todos os desvios e inovações dos “últimos tempos”, que foram igualmente preditos pelo mesmo apóstolo Paulo, pois lê-se: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostataram da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. I Tim. 4:1. O quadro deste perigo encontra-se retocado em II Tim. 3 e 4, onde se prediz a vinda de “tempos difíceis”, nos quais os homens terão uma “forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder”. II Tim. 3:1-5.

É este o tempo predito em que os homens “não suportarão a sã doutrina” e “se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”. II Tim. 4:3 e 4. É por certo esse um quadro dos vários *ismos*, movimentos pseudo-cristãos e perverções religiosas que reclamam abrigo no redil geral do Protestantismo. É isto, a não falar no modernismo — o grande desvio do protestantismo — teoria da evolução, o “evangelho social”, o espiritismo, a negação da inspiração da Bíblia, a negação da divindade do Filho de Deus, e outras sutis filosofias religiosas do dia. Contra todas estas seduções históricas e correntes somos advertidos (Gál. 1:8 e 9.). Devemos ater-nos perseverantemente à fé apostólica e à sã doutrina, ou seja ao evangelho verdadeiro, baseado na Bíblia unicamente e apresentado por Cristo, Paulo e os outros apóstolos (I Tim. 4:13-16; II Tim. 3:14-16).

Através da história da igreja tem havido ênfases e aplicações especiais da verdade do evangelho, adaptada a períodos específicos. Isso se constatou nos dias de Jesus e mesmo antes, depois nos tempos da igreja primitiva, no decurso da Idade Média e no período da Reforma, e dá-se também agora, nestes dias derradeiros. Essas ênfases espirituais constituem verdades presentes à geração à qual são concedidas (II S. Ped. 1:12). Cremos estar agora vivendo na hora, ou época, do juízo divino. Conseqüentemente cremos que deve haver uma plenitude de compreensão e ênfase que correspondam à plenitude da derradeira hora do nosso tempo. Cremos numa pureza de fé que esteja à altura das expectativas de Deus em relação ao

Seu povo nestes últimos e culminantes dias da história da Terra — dias em que em breve os remidos hão de encontrar-se com seu Senhor face a face.

Logo, se os adventistas do sétimo dia, em matéria de ênfase doutrinária, parecem diferir de alguns de seus irmãos de outras crenças protestantes, é porque crêem ter uma mensagem especial para esta hora. Consideramos o “evangelho eterno” de Apoc. 14:6 como evangelho apostólico, compreendido e acentuado no contexto da hora do grande juízo divino do último dia, e destinado ao preparo de um povo completamente revestido da justiça de Cristo e seguindo à risca a revelada vontade de Deus, no preparo para subsistir em Sua presença, quando de Seu glorioso e iminente aparecimento.

### *Satanás, Demônios e Anjos*

#### PERGUNTA 46

*Que crêem os adventistas acerca de anjos e demônios? Consideram-nos espíritos dos falecidos? E que dizem do diabo: é pessoa, ou simples influência má; realidade, ou mito?*

Os adventistas do sétimo dia crêem uniformemente que os anjos são seres criados, de uma ordem superior ao homem (Heb. 2:7). Foram criados antes do homem, pelo Filho de Deus (Col. 1:16). São maiores que o homem em força e poder (II S. Ped. 2:11). São seres gloriosos (S. Mat. 28:2 e 3) e o Céu é sua habitação (S. Mat. 18:10).

Entendemos que eles fazem parte de “toda a família” de Deus, “no Céu como sobre a Terra” (Efés. 3:14 e 15). São citadas diferentes ordens de anjos, como querubins e serafins (Ezeq. 10:19 e 20; Isa. 6:2 e 6). E o apóstolo Paulo se refere a principados, potestades, dominadores deste mundo e forças espirituais do mal (Efés. 6:12; comparar com Col. 2:15). Alguns dos anjos foram levados à rebelião, sendo em resultado expulsos do Céu (II S. Ped. 2:4). Esses anjos caídos chamam-se demônios, “diabos” ou “espíritos imundos” (S. Mat. 4:1; 8:16, 28-32; S. Mar. 5:13; I Cor. 10:20 e 21).

Quanto a Satanás, ou diabo, sustentamos que o uniforme ensino da Palavra declara ser ele um ser pessoal — o supremo adversário de Deus e do homem. Cristo chamou-lhe o “maligno” (S. Mat. 13:19). Fora outrora, porém, um anjo de luz, o mais elevado dos anjos. Tinha o nome de Lúcifer, “estrela da manhã” (Isa. 14:12-14). Caiu, porém, de sua elevada posição (Ezeq. 28:13-18; S. Luc. 10:18; S. João 8:44), e arrastou consigo uma hoste de anjos, levando-os primeiro ao desafeto e depois à rebelião aberta contra Deus e Seu governo (II S. Ped. 2:4; S. Judas 6). É ele agora o príncipe dos demônios (S. Mat. 12:24), e chefia um reino adversário, com legiões

de anjos maus, em mortal conflito com o reino de Deus e de Cristo (Apoc. 12:7-10).

Creemos, assim, que Satanás não é mais que um ser criado, embora da mais elevada categoria. Era outrora denominado "querubim da guarda" (Ezeq. 28:14). Foi descrito como "cheio de sabedoria e formosura" (V. 12). Era a personificação da perfeição criada, e parece que dirigia o culto divino do Universo. Ele estava "no monte santo de Deus", onde Deus manifesta Sua glória, e era "perfeito" nos seus caminhos, até que nele "se achou iniquidade" (vv. 14 e 15). Seu coração se ensoberbeceu por causa de sua formosura, e corrompeu-se a sua sabedoria por causa do seu esplendor (v. 17). Arruinaram-no a ambição profana e a inveja, e levou uma hoste de anjos em rebelião contra Deus e Cristo (Apoc. 12:7-9). Em consequência foi ele "lançado" fora do monte de Deus (Ezeq. 28:16), por terra, ou "à Terra", como diz uma tradução (v. 17; Isa. 14:12). Ele é agora líder do reino dos demônios (S. Luc. 11:14-18).

Esse ser celestial, que "jamais se firmou na verdade" (S. João 8:44), apareceu "no Éden, jardim de Deus" (Ezeq. 28:13), e tramou a queda de Adão e Eva, inculcando-lhes dúvida quanto à palavra de Deus e a Sua bondade (Gên. 3:1-5). Adão caiu e sobreveio a morte em consequência de seu pecado de desobediência (Rom. 5:12). Satanás, como arquitentador, anda a "rodear a terra" (Jó 1:7; comp. com I S. Ped. 5:8), que é agora o campo de sua atividade especial. É ele o causador do pecado com sua frutificação de doença e morte (Ezeq. 28:15; S. Luc. 13:16; S. João 8:44; Atos 10:38; Heb. 2:14).

Em contraste com Cristo, o "Santo" (Atos 2:27; 13:35), Satanás é chamado "o maligno" (S. Mat. 13:19). É ele a personificação da impiedade consumada. É o pecador original e "pai da mentira" (S. João 8:44). É chamado o "príncipe da potestade do ar" (Efés. 2:2), o "príncipe do mundo" (S. João 12:31; 14:30; 16:11), o "deus deste século" (II Cor. 4:4). Ele é poderoso, mas não todo-poderoso. Sem o poder divino não pode o homem vencê-lo. Temos de lhe oferecer resistência rendendo-nos a Deus (Rom. 6:17-21; S. Tia. 4:7), pondo nossa confiança na força do poder de Deus, e revestindo-nos de toda a armadura de Deus (Efés. 6:10-17).

Os que se perdem estão sob o "poder de Satanás" (Atos 26:18), e o mundo ímpio jaz inteiro no maligno (I S. João 5:19). Ele tem muitos "desígnios" sutis (II Cor. 2:11), podendo mesmo transformar-se em anjo de luz (II Cor. 11:14). Cega os olhos dos homens de modo que não percebam a luz do evangelho de Deus (II Cor. 4:4). E arrebatou a Palavra de Deus dos corações onde foi semeada (S. Luc. 8:12).

Satanás arma ciladas aos pés dos homens (I Tim. 3:7; II Tim. 2:26), inculcando-lhes no coração propósitos ímpios (S. João 13:2; Atos 5:3), tornando mesmo os homens possessos (S. Luc. 22:3). Ele semeia joio no campo de Deus (S. Mat. 13:25 e 39), e opera sinais e prodígios

de mentira a fim de insinuar falsidades (II Tess. 2:9 e 10). Satanás tem "ministros" que lhe cumprem as ordens (II Cor. 11:14 e 15), e igrejas que lhe promovem a causa (Apoc. 3:9). E ele acusa e difama os "irmãos" perante Deus, dia e noite (Jó 1:6-12; 2:1-6; Apoc. 12:9 e 10).

Mas Satanás está sujeito a uma perpétua maldição, desde o dia em que seduziu o homem no Éden (Gên. 3:15). Seu destino está selado. Fogo eterno foi-lhe preparado, para ele e seus anjos (S. Mat. 25:41; Apoc. 20:10). Cristo veio ao mundo e tomou sobre Si nossa natureza, a fim de destruir o maligno e suas obras (Heb. 2:14; I S. João 3:8). Satanás procurou levar de vencida a Cristo ao vir Ele resgatar o homem (S. Mar. 1:12 e 13), e desde esse tempo tem perseguido a igreja (Apoc. 12:12 e 17). Mas seu poder e domínio receberam um golpe de morte no Calvário, é ele um inimigo vencido (S. João 12:31; 16:11; I S. João 3:8). Será logo esmagado sob os pés dos santos (Rom. 16:20).

Justamente antes do fim dos séculos seus ministros "espíritos de demônios" influenciarão as nações, reunindo-as para o grande dia de Deus todo-poderoso (Apoc. 16:14). Por ocasião do segundo advento será ele preso pelo espaço de mil anos (Apoc. 20:1-3). Solto por breve período ao final do milênio, será então lançado no lago de fogo, onde sua destruição será de uma vez para sempre (v. 10). Juntamente com os anjos maus será reduzido a "cinzas", e "jamais subsistirá" (Ezeq. 28:18 e 19; S. Mat. 25:41). Esta, segundo compreendemos, é a biografia de Satanás, traçada no Livro de Deus.

## A Questão dos Alimentos Imundos

### PERGUNTA 47

*Crêem os adventistas do sétimo dia que alimentos como lagostas, caranguejos, porco, etc., proibidos pela lei de Moisés, são ainda proibidos, vigorando essa proibição para os cristãos de hoje, não devendo, pois, ser usados, sob pena de pecado?*

Esta pergunta abre um assunto importante, ou seja, a relação do cristão para com a lei de Moisés. É tema antigo e, como todos sabemos, através dos séculos tem dado motivo a debates.

Respondendo primeiro à segunda parte da pergunta: Nós consideramos o Decálogo como parte distinta da lei de Moisés, conquanto sustentemos que ambos são revelações de Deus. O Decálogo, porém, é expressão de princípios eternos, ao passo que a lei de Moisés se compunha, em geral, de leis pertinentes ao sistema cerimonial, ou sacrificial, que apontava ao futuro, ao grande antítipo, Jesus nosso Senhor. Creemos que a lei de mandamentos contidos nas ordenanças — os preceitos cerimoniais e sacrificais — tiveram seu cumprimento completo em Cristo no Calvário, como se acha explicitamente expresso em Efés. 2:14 e 15 e Col. 2:14-17. (Ver também perguntas 12 e 13.)

A lei de Moisés continha também conselhos sobre relações humanas, julgamento civil e questões sanitárias, bem como muitos outros vitais princípios de fé e prática. Que muitos desses conselhos, aliás importantes, foram incorporados na fé cristã, dela se tornando parte integrante, bem se pode ver no seguinte:

1. Que devemos amar a Deus de todo o coração, e a nosso próximo como a nós mesmos (Deut. 6:5; 10:12; 30:6; comparar com S. Mat. 19:19; 22:39; Rom. 13:9; Gál. 5:14).

2. Que devemos ser "santos" porque "Eu sou santo", diz o Senhor (Lev. 11:44; 19:2; 20:7, etc. Comparar com I S. Ped. 1:15 e 16.)

3. Que devemos conhecer por experiência a santificação da vida (Êxo. 31:13; Lev. 20:8; Ezeq. 20:12; comparar com numerosas passagens do Novo Testamento.)

Estas verdades constituíam parte vital da lei de Moisés, e por certo que não foram abolidas na cruz do Calvário. Ao contrário, foram acentuadas nos ensinamentos de Jesus Cristo, tornando-se assim a norma de nossa vida hoje, *nEle e por Ele*.

O mesmo princípio aplica-se às leis sobre o regime alimentar, dadas ao Israel antigo. É verdade que nos abstermos de usar como alimento certos pratos, como os indicados na pergunta, mas *não porque* a lei de Moisés esteja mais em vigor. Longe disso. Estamos firmes na liberdade com que Deus nos libertou. (Gál. 5:1.) Cumprir lembrar que Deus reconheceu a existência de animais "limpos" e animais "imundos" por ocasião do Dilúvio, muito antes que existisse a lei de Moisés. Raciocinamos que, se Deus, naquele tempo, houve por bem aconselhar Seu povo a absterem-se de certos alimentos, é porque estes não eram apropriados para o consumo humano; e visto como somos fisicamente constituídos à semelhança dos judeus e de todos os outros povos, cremos que esses alimentos não se prestam ao nosso uso hoje.

Para nós, toda a questão dos alimentos impuros é questão pertinente à saúde, pois cremos que "transgressão da lei física é transgressão da lei moral"; pois Deus tanto é autor duma como da outra". — Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 347.

Nosso ensino acerca de higiene e sanidade não é questão de tabus religiosos; com efeito, é muito mais do que a cuidadosa seleção do regime alimentar. É, para nós, o seguimento de um bem equilibrado programa de saúde. Julgamos ser de nosso dever cristão conservar nosso corpo no melhor estado de saúde possível, para o serviço de Deus e Sua glória. Cremos que nosso corpo é templo do Espírito Santo (I Cor. 3:16; 6:19; II Cor. 6:16), e que, portanto, quer comamos, quer bebamos ou façamos outra coisa qualquer, façamos "tudo para a glória de Deus". I Cor. 10:31.

*Como cristãos, qual é vossa atitude para com o programa missionário geral, para a evangelização do mundo não cristão? Aceitais a responsabilidade para regiões determinadas, deixando o restante para outras corporações cristãs?*

Nossa posição melhor pode ser exposta citando de *Working Policy* (Praxes de Trabalho) da denominação, a seção intitulada "Declaração de Relacionamento com Outras Sociedades", adotada pelo Concílio Otonal da Associação Geral, em 1926. Essa declaração foi posteriormente revista e ampliada. Todos os missionários, ao partir para seus campos, recebem um exemplar dessas Praxes. Fazemo-las seguir na íntegra:

#### *Declaração de Relacionamento com Outras Sociedades*

No desejo de evitar ocasião de mal-entendidos ou atritos na questão do relacionamento com a obra de outras sociedades [missionárias], expomos a seguinte declaração de princípios como guia aos nossos obreiros em campos missionários, em seu contato com outras organizações religiosas:

1. Reconhecemos como parte do plano divino para a evangelização do mundo, todas as corporações que exaltam a Cristo ante os homens, e temos em alta estima os homens e mulheres cristãos de outras comunhões religiosas que se empenham em ganhar almas para Cristo.

2. Onde quer que a prossecução do trabalho evangélico nos ponha em contato com outras sociedades e sua obra, o espírito de cortesia cristã, franqueza e correção deve em todas as ocasiões governar no trato dos problemas missionários.

3. Reconhecemos que a essência da verdadeira religião é basear-se ela na consciência e convicção. Deve, pois, ser nosso constante propósito não permitir que interesses egoístas ou vantagens temporais atraíam a qualquer pessoa para a nossa comunhão, e que nenhum laço sustenha qualquer membro a não ser a crença e convicção da verdadeira comunhão com Cristo. Se alguma mudança de convicção levar qualquer membro de nossa sociedade a discordar de nós quanto à fé e à prática, reconhecemos não só o seu direito mas mesmo seu dever de mudar sua filiação religiosa, consoante com sua crença.

4. Antes de admitir como membro da igreja a qualquer pessoa que seja membro de outra igreja, deve ser exercido todo o cuidado para certificar-se de que o candidato é levado a mudar sua filiação religiosa unicamente por força de convicção religiosa, e em atenção ao seu próprio relacionamento com o seu Deus; e sempre que possível, devem ser consultados os dirigentes da igreja ou missão à qual se acha ligado o pretendente.

5. A pessoa sob censura de outra missão, por motivo de falta claramente comprovada quanto à moral ou caráter cristãos, não será considerada elegível para membro em nossa missão até que tenha dado prova de arrependimento e reforma.

6. O agente [colportor, professor, zelador, etc.] empregado ou recentemente empregado por outra igreja ou missão não será empregado por nossa igreja ou missão sem consulta prévia à igreja ou missão à qual o agente está ou esteve ligado anteriormente.

7. As comissões locais de verificação de contas são aconselhadas a, por ocasião da fixação de salários, darem consideração aos salários pagos por outras missões que operam no mesmo campo.

8. Quanto à questão das divisões territoriais e das limitações do trabalho a regiões determinadas, nossa atitude tem de amoldar-se às considerações seguintes:

a. Como nas gerações passadas, na providência de Deus e conforme o desenvolvimento histórico de Sua obra em favor dos homens, têm surgido corporações denominacionais e movimentos religiosos para dar ênfase especial a diferentes aspectos da verdade evangélica, assim encontramos na origem e surgimento do povo adventista do sétimo dia, o encargo que se nos deu, de acentuar o evangelho da segunda vinda

de Cristo como acontecimento próximo, "às portas", convocando para a proclamação da mensagem especial de preparo do caminho do Senhor, tal como é revelado na Santa Escritura.

b. Segundo é descrita na profecia bíblica essa proclamação do advento, particularmente exposta em Apocalipse 14:6-14, requer-se que essa mensagem especial do "evangelho eterno", que há de preceder a vinda do Salvador, seja pregada a "cada nação, e tribo, e lingua e povo". Essa comissão torna-nos impossível restringir nosso testemunho quanto a este aspecto do evangelho, a qualquer região limitada, e impele-nos a proclamá-la a todos os povos, em toda a parte.

Onde várias corporações missionárias operam em íntima proximidade, sempre há possibilidade do surgimento de mal-entendidos. Isto é muito de se lamentar, e como adventistas desejamos assegurar aos nossos coobreiros no evangelho de Cristo que, quanto ao que nos respeita a nós, em harmonia com a Declaração acima, publicada em 1926, tomaremos todas as precauções para evitar esses mal-entendidos.

Se nesse assunto se acha envolvida a questão de proselitismo, diremos: De acordo com a definição do dicionário de Webster, fazer proselitismo quer dizer "converter a alguma religião, opinião, sistema ou coisa semelhante; converter". Todas as igrejas procuram fazer prosélitos. Em comum com outras corporações cristãs, cremos que nosso dever, outorgado por Deus, se acha exposto na comissão evangélica: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (S. Mat. 28:19). Isto nos empenhamos em fazer.

Por outro lado, os adventistas do sétimo dia não aprovam a obtenção de novos membros mediante oferecimento de vantagens financeiras e outros incentivos. Condenamos essas práticas, onde quer que se usem. O único modo em que homens e mulheres podem tornar-se verdadeiros membros do corpo de Cristo é mediante o poder de Deus, que converte e transforma. — *Questions on Doctrine*, pp. 613-628.

## Interpretação Cristocêntrica ...

(Continuação da p. 12.)

O secamento do Eufrates foi o caminho para a queda de Babilônia. Ciro não é o Messias, mas é um tipo de Cristo, porque veio para destruir Babilônia e libertar o povo de Deus.

Por outro lado, Isaias descreve que as portas de Babilônia se abriam (Isa. 45:1-4). As portas de Babilônia jamais ficavam abertas, mas naquela noite haviam ficado abertas.

"Na inesperada entrada do exército do conquistador persa ao coração da capital babilônica, pelo leito do rio cujas águas haviam sido desviadas e por portas interiores que, com negligência da segurança, haviam ficado abertas e sem proteção, os judeus tiveram abundantes provas do cumprimento literal da profecia de Isaias sobre a derrota repentina de seus opressores". — *Profetas e Reis*, p. 404.

Ciro veio do Oriente acompanhado por príncipes que cercavam a cidade, e finalmente desviaram as águas do rio Eufrates para um lago arti-

ficial. O rio secou e isto proveu caminho aberto para os reis do Oriente. Ciro e os outros que o acompanhavam entraram na cidade e libertaram o povo de Deus.

Os medo-persas foram amigos do cativo Daniel, e Ciro é informado sobre as profecias de Isaias. "Quando o rei viu as palavras que haviam predito mais de cem anos antes que ele nascesse, a maneira em que Babilônia seria tomada; quando leu a mensagem que lhe dirigia o Governador do Universo... seu coração ficou profundamente comovido, e ele resolveu cumprir a missão que Deus lhe havia designado. Deixaria livre os cativos judeus e os ajudaria a restaurar o templo de Jeová". — *Id.*, p. 405.

"As magníficas qualidades do varão de Deus como estadista previdente levaram o governante a manifestar-lhe grande respeito e honrar o seu discernimento".

Deus "moveu a Ciro como instrumento Seu para que entendesse as profecias concernentes a ele próprio, bem conhecidas de Daniel, e o induziu a conceder liberdade ao povo judeu". — *Idem*, p. 408.

Tudo isto é tipo do futuro. S. João no Apocalipse tirou daqui (Velho Testamento) as figuras da queda da Babilônia mística. (Cont. no próximo número.)

## Política e Igreja

(Continuação da p. 14)

uma igreja ou de uma associação se organizem ou intentem dirigir os seus votos como uma unidade". "Cada delegado deve ser susceptível à direção do Espírito Santo, e dar o seu voto em harmonia com suas convicções pessoais". (Ver *Manual da Igreja*, pp. 199, 200.

"Qualquer dirigente de igreja ou de Associação ou qualquer administrador que procurasse dominar os votos de um grupo de delegados, seria considerado desclassificado para exercer qualquer cargo". (*Idem*, p. 20.)

A igreja adventista encontra no Senhor Jesus a força de união que lhe tem permitido fazer face a tantas e tão difíceis situações. Os conselhos que nos têm chegado da pena inspirada nos admoestam como "membros da igreja visível e obreiros da vinha do Senhor, a fazer o possível para conservar a paz, harmonia e amor na igreja", e fora dela. (*Idem*, p. 42.)

1. *Conselhos aos Professores*, p. 371.

2. *Mensagens aos Jovens*, p. 33.

3. *Obreiros Evangélicos*, p. 406.

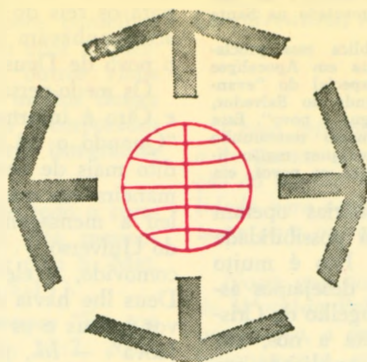
4. *Id.*, p. 407.

5. *Id.*, p. 410.

6. *Id.*, p. 409.

7. *Id.*, p. 410.

8. *Test. Seletos*, Vol. 3, p. 410.



## Capelão Budista em Universidade Metodista

● A Universidade Metodista Americana da área de Washington indicou um capelão budista para participar como contratado de seu corpo de professores, com a incumbência de lecionar "Princípios de Meditação", e dedicar tempo para aconselhamento individual e promover reuniões diárias de meditação.

O contratado é o monge budista Bhante H. Gunaratana, que é também secretário geral da Sociedade Budista Vihara, de Washington. Ele foi indicado para a capelania da Universidade Metodista, cujo "staff" inclui metodistas, episcopais, presbiterianos, luteranos, católicos-romanos, greco-ortodoxos e judeus, sendo acrescido agora do capelão budista.

## *Nova Lei Sobre Objetores de Consciência na Espanha*

● Nova lei espanhola permitirá agora que os que se negam a servir no exército espanhol por motivos de consciência cumpram a sentença a que forem condenados, e sejam postos em liberdade sem o risco de serem presos de novo pelo mesmo crime. A Rádio de Madrid informa que trinta e um objetores já foram libertados da prisão de Cadiz, no sul da Espanha, e que mais 150 serão muito breve libertados também. A nova lei pôs fim às consecutivas e sentenças pela continuada recusa em servir nas forças armadas por razões de consciência.

## Ecumenismo no Sul do País

● Depois de seis anos de contatos com o bispo local, com padres e irmãs e alguns membros leigos da igreja católica, o Pastor luterano Roberto Maland, começou a ser convidado a participar das assembléias da diocese. Nasceu o espírito

ecumênico, e torna-se cada vez maior a participação de católicos e protestantes no movimento ecumênico. No último Natal o padre e quatro jovens católicos tocaram seus instrumentos com os jovens luteranos no templo evangélico da cidade. Estão preparados para celebrarem juntos, neste fim de maio e começo de junho, a Semana de Oração pela Unidade Cristo. (CEI)

## Os Hippies e Cristo

● A Rádio Vaticano entrevistou o Pe. Carmelo Conti Guglia, Oblata de Maria Imaculada, que trabalha entre os hippies que se agrupam nas praças de Roma. Declarou que, nas conversas com eles, aborda assuntos da sociedade, da moral, da igreja, do Cristo, de Deus. Acentuou, no entanto, que Cristo é sempre o centro das preocupações de todos. (CEI)

## Controvérsia Sobre Fechamento do Comércio aos Domingos

● Toronto, Ontário. — O Secretário da Justiça de Ontário, George Kerr, ouviu nesta cidade que uma lei impondo o fechamento de estabelecimentos comerciais (stores) aos domingos seria discriminatória contra os adventistas do sétimo dia, judeus, e outros grupos que guardam "outros sábados" que não o primeiro dia da semana. O Sr. Kerr, que está auscultando a opinião pública sobre o espinhoso problema da abertura dos supermercados aos domingos, teve sua primeira reunião pública sobre o assunto na capital provincial.

Roy Adams, pastor adventista do sétimo dia, disse que a única pressão para que haja essas restrições aos domingos parte de grupos religiosos. "Jamais devia a religião ser motivo de legislação, não importa quão sutis sejam os seus propósitos", ele afirmou.

# Volta, Irmão!

*Volta, ó meu querido irmão, volta!  
Por que deixaste a igreja do Deus vivo?  
Acaso amaste mais o velho mundo em volta,  
Nele buscando um ilusório lenitivo?  
Ou porventura tropeçaste em maus exemplos,  
De alguém que parecia mui piedoso,  
E foste em busca de outras crenças, outros templos?  
Ou te encantaram vãos prazeres, falso gozo?  
A erudição sutil dos que se julgam sábios,  
Tirou-te do Evangelho puro o amor  
E preferiste o obscuro ensino de seus lábios  
Ao simples, claro, “assim diz o Senhor”?*

*Volta, irmão, volta!  
É tarde, e os homens, cada vez mais corrompidos,  
E de Natura os elementos em revolta,  
E as guerras e rumores incontidos  
— Tudo isso, e muito mais, bem mostra que é chegado  
O fim do mundo, deste mundo depravado.  
Tão perto já do termo da jornada,  
Abandonaste a profissão de fé genuína  
— Da fé que foi por Deus a nossos pais legada —  
E deixas tudo, desprezando a sã doutrina?*

*Por amor de tua alma, volta, irmão,  
Que ainda não é tarde para obter perdão!  
Retorna, por amor da esposa e filhos,  
E não lhes ponhas nos caminhos empecilhos!  
Retorna, por amor das lágrimas sentidas  
Dos que, na igreja, te chamavam: “ó irmão!”*

*Retorna, por amor às cruéis feridas  
Que ao Salvador causou a tua rebelião!  
Sim, volta, por amor ao Salvador Jesus  
— Ou ficarás indiferente, junto à cruz?  
Irmão, na igreja há um lugar vazio  
Que espera teu retorno e é como um desafio!*

*Qual filho pródigo, reflete e volta  
— Que é muito triste assim ficar sempre em revolta,  
Tão longe do Senhor, de Sua grei distante,  
E resistindo sempre à Voz solicitante!  
Volta, irmão, volta!*

Luiz Waldvogel

A surreal landscape painting. In the center, a tall, black lattice radio tower stands on a small, dark building atop a green hill. The sky is a dramatic mix of dark red, orange, and yellow, suggesting a sunset or sunrise. In the upper right corner, a large, white, feathered winged figure, possibly an angel or a messenger, is shown in flight, with a blue and white patterned object trailing behind it. In the foreground, several people are depicted: a man on the left in a light shirt, a woman in the center foreground in a blue top looking down at something in her hands, a man in a light shirt looking up, and two men in suits on the right, one holding a document. The overall style is expressive and painterly.

# DIGA-O AGORA!

1975 Divisão  
Sul-Americana